

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS /E/ E /O/ NA FALA DE GAÚCHOS EM
SITUAÇÃO DE CONTATO DIALETAL COM TERESINENSES: UM ESTUDO
SOBRE ATITUDES**

**THE PRETONIC MID VOWELS /E/ AND /O / IN THE SPEAKING FROM
GAÚCHOS UNDER CIRCUMSTANCES OF DIALECT CONTACT WITH
TERESINENSES: A STUDY ABOUT ATTITUDES**

DOI:

**Thiago de Sousa Amorim¹
Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa²
Darkyana Francisca Ibiapina³**

Resumo: Este estudo tem como objetivo fazer uma reflexão sociolinguística sobre as atitudes linguísticas de falantes gaúchos que vivem em situação de contato dialetal com teresinenses. Nesse sentido, o estudo vai ao encontro de entender a causa da não acomodação da abertura das vogais médias pretônicas, investigada por Amorim e Costa (2019), considerando que esse fenômeno é uma marca característica do falar de Teresina, em detrimento do fechamento das vogais, que é peculiar ao dialeto gaúcho. A base teórica teve como contribuições: Calvet (2002), Bisol (2014), Silva (2009), Giles e Ogay (2007).

Palavras-chave: contato dialetal; atitude; vogais médias; gaúcho; teresinense.

Abstract: This study has as its aim to do a sociolinguistic reflection about the linguistic attitudes from gaúchos speakers who live in situation of dialect contact with teresinenses, in order to understand the reason of the non accommodation of the opening of the pretonic mid vowels, searched by Amorim and Costa (2019), considering that that phenomenon is a mark which is characteristic of Teresina speaking, to the detriment of the vowel closing, which is peculiar to the gaúcho dialect. The theoretical basis had as contributions: Calvet (2002), Bisol (2014), Silva (2009), Giles and Ogay (2007).

Keywords: dialect contact; attitude; mid vowels; gaúcho; teresinense.

¹ Doutor e Mestre em Letras (área de concentração em Linguística) pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Professor Adjunto do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e-mail: amorim.thiago@ufma.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1400-7855>.

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Professora Titular na Universidade Federal do Piauí (UFPI), lotada na Coordenação de Letras Vernáculas - CLV e no Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGEL/UFPI; e-mail: costacatarina@uol.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8707-4832>.

³ Doutora e Mestre em Letras (área de concentração em Linguística) pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Secretaria Estadual de Educação do Piauí, da Faculdade de Ciências Aplicadas Piauiense (FACAPI) e Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal do Piauí (IFPI); e-mail: darkybiapina@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1433-2490>.

Introdução

Historicamente, a língua portuguesa tem manifestado uma extensa diversidade linguística entre os dialetos brasileiros, fator que expressa uma condição *sine qua non* para o empreendimento de pesquisas de cunho sociolinguístico e dialetológico, as quais vêm sendo realizadas, desde a segunda metade do século XX, por estudiosos de diferentes universidades do país. Tais estudos buscam refletir a profusa correlação que emana no seio da língua sob mediação do social, de modo a considerar que a língua, neste contexto, não pode ser observada em si mesma e por si mesma, da maneira como era estudada por linguistas do polo formal, como os estruturalistas e gerativistas, por intermédio das influências saussuriana e chomskyana, respectivamente.

Buscamos, com este artigo, preencher uma lacuna deixada por Amorim e Costa (2019), com o intuito de consubstanciar uma reflexão sociolinguística que gravita em torno das atitudes linguísticas de falantes gaúchos que vivem em situação de contato dialetal com teresinenses, a fim de entender a causa da não acomodação da abertura das vogais médias pretônicas, considerando que este fenômeno é uma marca característica do falar de Teresina, em detrimento do fechamento das vogais, que é peculiar ao dialeto gaúcho. Isto é, com relação à variação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ aqui em pauta, há a possibilidade de diferentes pronúncias, a depender da região em que o fenômeno ocorre, materializando, assim, um ponto de divergência entre os dois falares envolvidos no estudo. Como exemplo, apresentamos as realizações de *p[e]rdido* e *t[o]rtura*, na fala gaúcha; *p[ɛ]rdido* e *t[ɔ]rtura*, na fala teresinense. É interessante ressaltar que não incluímos o alçamento vocálico, em que os dados se realizam como *p[i]rdido* e *t[u]rtura*, na pesquisa, pelo fato de este fenômeno não representar uma divergência dialetal entre os falares brasileiros, uma vez que está presente em todos eles, como defendem Silva (2009), Bisol (2014) e Oushiro *et al.* (2023).

Amorim e Costa (2019) realizaram uma pesquisa com base na sociolinguística variacionista, cujo objetivo foi investigar se os gaúchos residentes em Teresina (PI) estão acomodando a realização da abertura das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, a fim de verificar, por intermédio de uma análise quantitativa, se os fatores linguísticos e extralinguísticos inerentes ao contexto de realização dessas vogais estão contribuindo para o processo de acomodação. Seguindo este direcionamento, os autores chegaram ao resultado de que os informantes investigados não acomodaram a sua fala à abertura das vogais médias pretônicas, como são pronunciadas por teresinenses. De tal modo, foi importante a análise quantitativa dos dados, em que foi possível destacar uma expressão percentual categórica referente aos fatores

linguísticos e extralinguísticos, os quais foram imprescindíveis para o resultado. Mesmo tendo sido feita uma análise das variáveis selecionadas pelo Goldvarb X, o estudo deixou uma lacuna, à medida que os próprios pesquisadores corroboram a necessidade de um trabalho que considere aspectos teóricos da Teoria da Acomodação da Comunicação, no sentido de aplicar diferentes categorias analíticas, por intermédio de uma abordagem qualitativa dos dados.

Evidenciamos, assim, um compromisso acadêmico-social que nos rege no âmbito dos estudos de linguagem, à medida que corroboramos a importância da variação e mudança em contexto de contato dialetal, com vistas a ampliar o conhecimento sobre o português brasileiro. Ademais, com esta pesquisa buscamos promover uma maior compreensão das dinâmicas sociais e culturais que se coadunam com a variação linguística.

Para a elaboração estrutural deste artigo, seguimos a seguinte divisão: primeiro elaboramos uma introdução ao tema e à motivação para que pudesse ser estudado; nos dois tópicos seguintes, realizamos uma revisão de literatura, com a finalidade de discorrer sobre a realização das vogais médias em pauta como pretônica, em alguns falares brasileiros, bem como noções sobre atitudes linguísticas; em seguida, discorreremos sobre o percurso metodológico que foi seguido na investigação; depois, apresentamos a análise dos dados, a fim de refletir sobre as atitudes dos falantes gaúchos, em busca de uma explicação para a divergência linguística da abertura das vogais médias pretônicas, na situação de contato dialetal com teresinenses; e, por último, fazemos as considerações finais com base no resultado a que chegamos com a pesquisa.

1 As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português brasileiro

Como o nosso estudo investiga a variação da vogal média em posição pretônica, falada por gaúchos residentes em Teresina, debruçamo-nos sobre algumas pesquisas, cujo objeto é a variação das vogais médias pretônicas. Nesse sentido, recorreremos a autores que analisaram tal fenômeno tanto no falar teresinense, quanto no falar gaúcho.

a) A realização das vogais médias pretônicas por falantes de Teresina (PI)

Começamos esta seção fazendo referência ao falar teresinense, com ênfase na tese de doutorado de Silva (2009): *As pretônicas no falar teresinense*, a qual nos apresenta um estudo minucioso sobre o comportamento das vogais médias pretônicas na variedade de Teresina-PI, que gira em torno da variação tripartida: manutenção (vogais residuais), elevação (vogais altas), abaixamento (vogais baixas). O estudo foi feito à luz da sociolinguística variacionista, cujo *corpus* foi constituído de 5.308 (cinco mil e trezentas e oito) realizações, por meio de entrevistas

conduzidas a 36 (trinta e seis) informantes estratificados por gênero, faixa etária e escolaridade. As análises foram efetivadas com o auxílio do programa computacional Varbrul 2S, de forma a considerar a contiguidade, a homorganicidade, o paradigma, o contexto fonológico precedente e seguinte (como variáveis linguísticas independentes); o gênero, a faixa etária e a escolaridade (como variáveis linguísticas sociais).

As análises do estudo apresentam os efeitos das regras variantes das pretônicas em separado, o que nos permite ter uma visão mais sistemática do ponto de vista linguístico e social sobre a variação ternária evidente entre a vogal média aberta, a vogal alta e a vogal média fechada. Os resultados de Silva (2009, p. 141) apontam que o abaixamento da vogal média em Teresina é semelhante ao de outros estudos sociolinguísticos, cuja predominância recai sobre a realização da vogal média aberta em contextos de fala nordestinos, de modo que a vogal contígua e o contexto circundante revelam que pode existir “uma regra de Harmonia com a vogal baixa, seja /ε ə/ seja /a/”.

Silva (2009) chega à conclusão de que a realização da vogal média aberta é a marca dialetal teresinense, fato que sugere o encaminhamento das vogais situadas no sistema vocálico da variedade teresinense, em direção à Neutralização em favor da média aberta em posição pretônica. Isto posto, é inegável que no contexto de fala de Teresina, situado no cenário dialetal brasileiro, há uma tríplice pronúncia, a considerar a harmonia com a vogal baixa, de maior expressividade; a harmonia com a vogal fechada, favorecida pela presença de uma vogal de mesma altura na sílaba seguinte; e a harmonia com a vogal alta, condicionada também por uma vogal de mesma altura na sílaba seguinte. Estes resultados confirmaram as hipóteses levantadas pela autora.

b) A realização das vogais médias pretônicas por falantes do Rio Grande do Sul

O estudo intitulado *A regra variável de harmonização vocálica no RS*, de Schwindt (2002), tem como finalidade refletir sobre os fatores que contribuem para a harmonização vocálica no dialeto gaúcho, realizado com dados do projeto VARSUL. O autor esclarece que a harmonização vocálica é, entretanto, um processo fonológico de caráter assimilatório, muito comum na língua portuguesa, em que uma vogal se harmoniza com outra presente no vocábulo. A harmonia pode acontecer no abaixamento da vogal ou na elevação, foco do trabalho, pautado nas vogais altas [i u].

O pesquisador assevera que as vogais pretônicas podem ser elevadas por diversas razões, uma delas é de natureza eminentemente fonética como em *pequeno ~ piqueno*,

compadre ~ *cumpadre*, que não se caracterizam como casos de harmonia vocálica, porque não há a presença de uma vogal alta envolvida no processo. A amostra se constitui de dados de 64 (sessenta e quatro) informantes, 16 (dezesesseis) de cada cidade do Rio Grande do Sul, que compõem o Banco: Flores da Cunha (zona de colonização italiana), Panambi (alemães), São Borja (fronteiriços) e Porto Alegre (metropolitanos). Foram utilizados 12.133 (doze mil, cento e trinta e três) dados, sendo 6.611 (seis mil, seiscentos e onze) na análise de [e] e 5.522 (cinco mil, quinhentos e vinte e dois) na análise de [o].

Para a análise, os dados foram submetidos ao pacote do programa computacional VARBRUL, que selecionou os seguintes fatores linguísticos: contexto precedente, contexto seguinte, contiguidade, localização morfológica, homorganicidade e tonicidade, para a vogal [e]; contiguidade, tonicidade contexto precedente, nasalidade, localização morfológica e contexto seguinte, para a vogal [o]. Para os fatores extralinguísticos foram selecionados os fatores: escolaridade, sexo, faixa etária e região, para a vogal [e]; escolaridade e região, para a vogal [o].

Com base nas análises do estudo, os resultados apontam que: a regra de harmonização vocálica no falar gaúcho tem aumentado substancialmente e este aumento continua atingindo, sobretudo a vogal [o] em detrimento de [e]; a regra de harmonização vocálica não se encontra estagnada, contudo, não é possível ainda falar de mudança; os fatores sociais não apresentam motivações significativas para a regra de harmonização vocálica, fato que aponta como variação estável, se forem consideradas tais variáveis; as variáveis linguísticas exercem um papel categórico sobre a regra de harmonização vocálica; os fatores linguísticos sinalizam para a existência de uma outra regra, de natureza fonética, coexistente com a regra descrita na pesquisa (Schwindt, 2002).

Outro estudo sobre os falares do Rio Grande do Sul é o de Bisol (2014), intitulado *Vogais pretônicas*, que visa discorrer sobre as variações das vogais médias em pauta pretônica, em variedades gaúchas, em termos de harmonização vocálica, alçamento sem motivação aparente, elevação da vogal E inicial e diante de S e N e DES em posição inicial. A partir da leitura do texto, é possível inferir que é comum, nas variedades do Rio Grande do Sul, a realização da vogal média pretônica fechada e alta. Nesse contexto, Bisol (2014, p. 21) assegura que “[...] as médias abertas, /ɛ ɔ/, desaparecem no português falado no Sul/Sudeste [...]”. À vista disso, o sistema vocálico do português, que é constituído de sete vogais, /i u e o ε ɔ a/ é reduzido a cinco vogais, /i u e o a/, considerando o dialeto gaúcho. Sobre a harmonização vocálica, Bisol (2014, p. 22) sustenta que tal processo que “atua na pretônica, sistema de cinco vogais, é um

processo de assimilação em que a vogal alta, /i u/, expande seu traço de altura ou abertura para a vogal média vizinha, precedente, /e o/, convertendo-a em alta [...]”. Alguns dos exemplos dos falares gaúchos, citados pela autora são: alegria ~ *aligria*, bebida ~ *bibida*, preguiça ~ *priguiça*, bonito ~ *bunito*, cobrir ~ *cubrir*, formiga ~ *furmiga*.

A autora chega ao resultado, em termos de peso relativo, de que a harmonização vocálica da média pretônica se propaga com mais recorrência na fala dos metropolitanos do que na dos fronteiriços e bilíngues, de modo a despontar a vogal /i/ como deflagradora do alçamento vocálico, que tem maior força do que /u/, porque a primeira é mais alta que a segunda, o que condiciona com mais evidência a troca da média fechada pela aberta, como em menino ~ *minino* e bonito ~ *bunito*. Destaca ainda que “[...] /u/ é pródigo de /o/ (coruja~curuja), mas muitas vezes não altera a vogal /e/, a exemplo de legume, pergunta, perfume, mas não **ligume*, **pirgunta*, **pirfume*” (Bisol, 2014, p. 26, grifos da autora). Por outro lado, há o alçamento sem motivação aparente, da vogal média em posição pretônica, que se materializa pela realização elevação da média sem a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte, como em boneca ~ *buneca*, pequeno ~ *piqueno*.

É observado que “a harmonização vocálica é intermediada pela vogal alta como um assimilador inativo, aflorando a explicação em termos de alçamento sem motivação aparente que incluiria os verbos da segunda conjugação e outros casos de descontiguidade [...]”. Contudo, os casos que não se assentam aos condicionamentos da harmonia vocálica são explicados pela regra de difusão lexical, como vêm fazendo muitos pesquisadores, a respeito do alçamento sem motivação aparente, como fez Silva (2014), na sua dissertação de mestrado: *Elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas entre os jovens porto-alegrenses*. Bisol (2014) destaca que a vogal /e/ inicial seguida de [s] ou [z], simbolizados por S ou seguida de nasal na mesma sílaba, simbolizado por N, alterna naturalmente com a vogal /i/, como em estranho ~ *istranho* e emprego ~ *imprego*. Paralelo a isso, o prefixo -des, confundiu-se com -dis, na história da língua portuguesa, daí temos as realizações desmaio ~ *dismaio* e desolado ~ *disolado*. A pesquisadora argumenta que a substituição da vogal média por alta em *eS*, *eN* e *deS*, em posição inicial de palavra, tende a sofrer uma generalização. Ao considerar esta ideia, é evidente que a vogal e apresenta a possibilidade de ser registrada apenas na escrita e, repetindo as palavras de Bisol (2014, p. 30), esta vogal “por vezes, funciona como guarida da história da língua”.

2 Sobre as atitudes linguísticas

As percepções de que tratamos na teoria, desencadeiam-se por meio das atitudes tomadas pelos falantes. Essas atitudes podem ser positivas ou negativas. Se o indivíduo lança mão da primeira, há a possibilidade de acontecer a convergência, por aceitação e aproximação social, contudo, se lança mão da segunda, o falante tende a divergir das características linguísticas do novo ambiente de comunicação, por não aceitação e distanciamento social.

Bonomi (2010) aponta como elementos essenciais ao processo de acomodação, a percepção, a atitude e o sentido de pertencimento a uma determinada identidade etnolinguística. A autora defende a ideia de que a identidade étnica só é entendida graças à existência de outras etnicidades que coexistem nas sociedades, que é por intermédio da coletividade que tal identidade se reconhece como diferente. Esta percepção nos leva a refletir sobre o contato entre diferentes dialetos do Brasil, como propomos estudar neste trabalho. Assim, retomamos a questão do gaúcho, que tem uma identidade étnica, linguística e cultural peculiar a sua origem, mesmo partindo do ponto de vista genealógico, histórico e geográfico, expondo-se a uma nova situação de contato com teresinenses que, por sua vez, possuem as suas características identitárias que divergem, em muito, das do gaúcho. Nesse sentido, podemos inferir que esse movimento de um contexto a outro, coloca o gaúcho diante de uma identidade que, naturalmente a reconhecerá como diferente, a partir de observações, comparações com sua origem étnica e tentativa de adaptação ao novo ambiente. Possivelmente, as diferenças ainda não estavam claras em sua mente ou ainda não havia pensado nelas, pois é por meio da interação social que podemos ter experiência concreta e tangível. Sobre esse acontecimento, Bonomi (2010) argumenta que “[...] es en esta fase de relación dialéctica con el grupo autóctono cuando, quizás, los inmigrantes toman más conciencia de su propia identidad [...]”⁴.

A língua é detentora de um valor indispensável na identificação de diferentes identidades, por ser, na visão de Bonomi (2010), a marca identitária mais forte de um determinado grupo. Por conseguinte, essa relação entre língua-identidade, é favorável à interpretação das atitudes de falantes em contato com diferentes dialetos, as quais se corporificarão no comportamento linguístico. Respectivamente à escolha de uma determinada língua ou variedade, Bonomi (2010, p. 53), ao retomar Gumperz (1982), elucida a compreensão de que esse evento está inclinado, estritamente, “[...] con la identificación y la representación

⁴ Tradução livre: “[...] é nesta fase de relação dialética com o grupo autóctone quando, talvez, os imigrantes tomam mais consciência de sua própria identidade [...]”.

simbólica de una identidad étnica distinta de la dominante [...]”⁵. Essa alternância, que se caracteriza como acomodação, envolve variações de natureza sociais, econômicas e de interação, além de outros fatores condicionantes. Todavia, o falante pode passar por um processo de hibridização, à medida que pode variar o seu modo de falar em conformidade com o contexto. Assim, o sujeito que já reside em um novo ambiente de comunicação, pode adaptar-se à variedade de contato, a depender de diversos fatores, bem como manter a sua variedade de origem, utilizando-a em caso de regresso à sua comunidade. Entretanto, o falante pode estar consciente ou não desses eventos.

Como resultados de sua pesquisa, Bonomi (2010) chegou à conclusão de que em Barcelona e em Milão está havendo um processo de acomodação dos falantes hispanos, tanto sobre a variedade vernácula, o espanhol peninsular, como sobre a dominante, o italiano, em concomitância com a preservação da identidade linguística de partida. A autora apresenta que o comportamento sociolinguístico dos falantes com relação à acomodação, no fenômeno migratório, é dependente da etnicidade, o sentimento de pertencimento a um grupo etnolinguístico, a percepção construída sobre distintas variedades ou códigos e os contextos interacionais referentes às redes sociais dos falantes.

Lima (2013, p. 45) explica que a acomodação linguística surgiu “com o objetivo de aproximar os informantes, e em alguns casos ela acontece de forma involuntária, em outros casos não, o indivíduo esforça-se para realizá-la, gerando uma avaliação negativa por parte do receptor”. De tal modo, é imprescindível investigar as atitudes do falante com relação ao segundo dialeto para compreender a acomodação ou não acomodação.

As atitudes positivas e negativas podem influenciar a acomodação. Para compreender esse fenômeno, se o indivíduo avalia positivamente o novo dialeto, ele tende a convergir, se avalia mal, tende a divergir. Se ele avalia negativamente o seu dialeto de origem, tende a convergir ao novo. Em síntese, é importante verificar as atitudes do falante, positivas ou negativas, para analisar o processo de acomodação, visto que:

[...] o ato de acomodação pode envolver certos custos para o falante, em termos de mudança de identidade e esforço empregado. Assim, esse comportamento deve ser iniciado apenas se há uma recompensa disponível. Em termos concretos, essa recompensa dependerá da própria situação e do nível linguístico particular no qual a acomodação ocorreu (Leite, 2011, p. 1022).

⁵ Tradução livre: “[...] com a identificação e a representação simbólica de uma identidade étnica distinta da dominante”.

Ao observar as palavras da autora acima, podemos compreender que o processo de acomodação é delicado, ao passo que envolve mais da avaliação e da mudança dialetal no fator identidade. Na mesma esteira da autora, Lima (2013) assevera que a linguagem é também imposição de identidade, é uma forma encontrada pelos falantes para engrenar um ou outro perfil identitário, visando à possibilidade de demonstrar, inclusive, o grupo no qual um sujeito está inserido, no sentido de que é possível reconhecer, através da linguagem, a sua origem. Dentro desse aspecto, é possível que o falante estabeleça, mesmo que inconscientemente, a preferência por um jeito de falar, dependendo de suas atitudes e do contato linguístico.

Calvet (2002, p. 57) levanta um contra-argumento que se remete às definições de língua como um “instrumento de comunicação”, em virtude de que leva a “[...] crer em uma relação neutra entre o falante e a língua [...]”. O autor argumenta de forma metafórica sobre essa noção que dispensa conceitos de língua, argumentando que um instrumento é um utensílio que tem por fim ser utilizado em momento de necessidade e dispensado após, como fazemos com um martelo, por exemplo. Assim, é utilizado para pregar pregos quando necessário, quando não, é dispensado. Considerando o exposto, acreditamos que não há uma relação neutra entre falante-língua, concordando com o pensamento calvetiano. Os usuários, em qualquer situação de fala, estabelecem avaliações inerentes ao uso da língua, mesmo que impensadamente. No contexto dessas avaliações, existe um conjunto de atitudes linguísticas adjacentes às variedades vinculadas às relações sociais e geográficas, que flutuam naturalmente nos sentimentos dos falantes. Calvet (2002) afirma que aquele que se serve do martelo, pode amá-lo ou não e isso não implica o ato de pregar o prego. Nesse âmbito, as atitudes que se têm sobre a língua podem afetar, consideravelmente, o comportamento linguístico do falante.

Por intermédio de avaliações linguísticas por parte dos falantes, há entre diferentes línguas e entre variedades de uma língua, percepções estereotipadas disseminadoras de comportamentos preconceituosos, a considerar visões pejorativas de um jeito de falar em detrimento de outro, mediante as noções de “falar correto”, sobretudo quando se trata dos falares da zona rural em comparação com a zona urbana, regiões de maior expressividade econômico-social em comparação com outras menos prestigiadas, como acontece entre as regiões Sul e Nordeste.

Calvet (2002, p. 60) intervém com a noção de que assim como variam os usos da língua, geográfica, social e historicamente, variam as normas e que, da mesma maneira, variam as atitudes, ao citar, por exemplo, variações que podem ocorrer entre tempos e classes sociais distintos. Dentro deste contingente de classes, sociedades e tempos, perpassam diferentes

atitudes. Para ele, o comportamento linguístico dos falantes é incitado por normas sociolinguísticas: de um lado, as pessoas tendem a valorizar a sua identidade de fala, de outro, a modificá-la. Para tanto, tudo isso dependerá de suas atitudes linguísticas em relação aos falares em contato e de suas finalidades como sujeito atuante em um meio social. É esse movimento linguístico que buscamos analisar neste artigo, tal como é apresentado na seção 4.

3 Metodologia da pesquisa

Para a realização deste estudo, seguimos pesquisa piloto realizada por Amorim e Costa (2019), aproveitando parte dela. Como a coleta de dados foi realizada por meio de questionários (aberto e fechado) e a leitura de um texto, selecionamos para a nossa análise apenas os dados coletados por intermédio do questionário fechado, que tem questões específicas sobre atitudes linguísticas, que, positivamente, nos deram suporte para as análises.

Como o estudo é resultante de pesquisa com seres humanos, informamos que ele foi submetido à Plataforma Brasil, a fim de ser apreciado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Piauí (UFPI), cujo número do CAAE é: 88957218.5.0000.5214 e do parecer: 2.640.905.

Os informantes foram selecionados conforme a quantidade de tempo de residência em Teresina e foram divididos em 3 (três) grupos. 1º grupo: falantes com residência de no mínimo 2 (dois) anos e máximo 4 (quatro); 2º grupo: mínimo 5 (cinco) anos e máximo 9 (nove) anos; 3º grupo: de 10 (dez) anos em diante. Esta divisão é considerada significativa em uma pesquisa sobre a acomodação dialetal de determinando fenômeno da língua, tendo em vista que os estudos na área destacam o tempo de residência no novo ambiente de fala como um aspecto de grande importância para a convergência ou divergência linguística, a considerar o período, dentre outros fatores sociais (Amorim; Costa, 2019).

A análise das atitudes linguísticas dos falantes foi feita de forma individualizada para cada informante. Neste contexto, para analisarmos tais atitudes, consideramos as categorias: **Percepção das diferenças dialetais; Avaliação da forma de falar do teresinense; Avaliação da forma de falar do gaúcho; Percepção da assimilação.**

4 Análise dos dados

Este tópico tem como objetivo apresentar a discussão dos resultados com base nos dados coletados junto aos informantes gaúchos que vivem em situação de contato dialetal com

teresinenses. A análise seguinte está ordenada conforme a quantidade de informantes, do 1 (um) ao 6 (seis), seguindo a ordem de entrevista.

INFORMANTE 1

A Informante 1 é natural de Porto Alegre (RS) e já reside em Teresina (PI) há 4 (quatro) anos. Ela vive com a sua filha de 15 (quinze) anos e tem muito contato com teresinenses, diuturnamente, em diversos ambientes, tais como faculdade, trabalho, escola em que a filha estuda e amigos. Contudo, observamos que ela não acomodou ao falar local, com relação à abertura das vogais médias em posição pretônica. A partir das respostas aos questionamentos que lhes foram feitos, fica evidente a sua gana de falar como os teresinenses, mas ela mesma reconhece que é muito difícil um falante perder o seu sotaque ao sair de sua terra natal. Ademais, reconhece perfeitamente de que se tratam de duas realidades linguísticas distintas, a teresinense e a gaúcha. A sua identidade de origem é conservada por inúmeros motivos. Dentre eles, a avaliação e atitude linguística que, subjetivamente, influenciam na manutenção das vogais médias na pauta pretônica.

Evidenciamos na fala da Informante muitas marcas do falar teresinense, mas com respeito, principalmente, às variedades lexicais. Neste contexto, ela ressaltou, inclusive, a necessidade de adquirir o léxico do falar local, sobretudo, para compreender e ser compreendida nas situações de interações comunicativas, deixando de reproduzir algumas e conservando outras. Por exemplo, resalta que termos, como, “capaz”, que no falar teresinense seria “de nada”, em resposta ao “muito obrigado”, ela deixou de usar. Em contrapartida, o termo “guri”, mantém-se em sua fala cotidiana.

Perceber que entre um dialeto e outro existem diferenças é um fator primordial para a acomodação dialetal, além de outras razões que também são relevantes para o falante se adaptar à nova realidade comunicativa, como os aspectos culturais. A Informante, nesta direção, apresenta a seguinte visão:

Quadro 1 – Percepção das diferenças dialetais

“Já conhecia as diferenças, não sinto esse calor absurdo que as pessoas falam, a comida eu amo, a comida nordestina, amo a cultura, eu gosto demais do povo daqui, então assim, eu não senti esse impacto, porque eu já conhecia, eu já convivia muito.” (Informante 1)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Na resposta da Informante 1, sobre as diferenças na fala entre a realidade gaúcha e a teresinense, percebemos que ela atribui à segunda realidade uma certa aproximação pelo fato

de gostar muito da cultura nordestina, em especial a de Teresina (PI), pois relata que já a conhecia. Assim, já fez a sua mudança residencial conhecendo não só as diferenças existentes na fala, como também as diferenças culturais, como na culinária.

A Informante 1 faz o seguinte relato:

Quadro 2 – Percepção das diferenças dialetais

“Porque eu sou diferente né, branca, alta, lôra, aí eu não uso mais salto. Não uso mais salto! E eu amava usar salto, não uso, não sei porque no dia em que me ver numa festa de salto é estranho, porque quando chego, pareço um bicho de zoológico, daí as pessoas não chegam pra mim, tudo bem? como é teu nome? tu não é daqui, né!” (Informante 1)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Além das diferenças no jeito de falar, a Informante 1 se posiciona sobre diferenças de estilo, pelo fato de usar um sapato de salto, por traços físicos, que podem ser tachados como característicos do gaúcho, pela cor da pele, do cabelo, pela altura. Nesta perspectiva, corroboramos Giles e Ogay (2007), quando asseveram que, embora a linguagem seja o ponto de partida para a teoria da acomodação, há que se considerar outros aspectos, como símbolos comunicativos participativos na interação interpessoal dos indivíduos e que são tidos como sinalizadores de identidade, como roupas, penteados, cosméticos, padrões alimentares etc.

De modo análogo, percebemos essa sinalização de identidade na fala da Informante 1, dado que nos leva a vislumbrar a língua não de forma isolada, mas considerando fatos sociais que estão involucrados na situação de interação interpessoal entre os interagentes. Destarte, língua, cultura e sociedade estabelecem entre si uma parceria antológica para a compreensão dos diferentes usos linguísticos.

A Informante 1 destaca: *“O meu sonho era falar igualzinho”*. Todavia, notamos tanto a sua consciência das diferenças na fala entre as comunidades gaúcha e teresinense quanto do seu jeito peculiar de falar, que conserva, indistintamente, a sua identidade linguística de origem, relativamente aos aspectos observados. Ela apresenta, por conseguinte, uma atitude positiva com relação ao falar da nova situação de contato.

Isto posto, inferimos que a Informante 1 apresenta uma avaliação positiva sobre o falar teresinense, porém, não é o suficiente para que ela passasse pelo processo de acomodação de fenômenos de língua, como o da vogal média pretônica, visto que outros fatores apresentam contributos para tal procedimento. Seria, então, a influência do tempo de convívio com a nova realidade, que são exatamente 4 (quatro) anos. É consensual que tal quantidade de tempo é insuficiente para que o falante se acomode, a depender, outrossim, de fatores socioculturais.

Quando perguntamos sobre a sua percepção sobre o preconceito gerado contra os teresinenses acerca do modo de falar, ela contestou da seguinte maneira:

Quadro 3 – Avaliação da forma de falar do teresinense

“Na verdade, o nordestino sofre discriminação pelo Brasil. E infelizmente pelos sulistas, muito né.”
(Informante 1)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Constatamos, assim, que a Informante 1 tem a convicção de que o dialeto de sua nova realidade comunicativa sofre preconceito em todo o Brasil e de forma intensa por parte dos sulistas. Diante de tal lucidez, poderíamos considerar esta percepção como um fator que sensibiliza a manutenção de fatos linguísticos originários do Rio Grande do Sul em seu modo de falar.

A avaliação que o falante faz também é um fator que pode contribuir para a acomodação dialetal em um novo ambiente de interação. Se ele desenvolve uma avaliação positiva do seu lugar de origem, a tendência é que conserve a sua fala, se negativa, a tendência é se acomodar à nova situação comunicativa. Nas palavras de Giles e Ogay (2007), são a convergência, para o primeiro caso, e a divergência para o segundo. Para entendermos essa questão, perquirimos a Informante 1 sobre a avaliação que ela tem de seu lugar de origem. Assim ela respondeu:

Quadro 4 – Avaliação de forma de falar do gaúcho

“Ai, eu gosto né, sou bairrista, a gente chama bairrista né, eu amo, bairrista é quando você tem paixão pela sua terra, então, assim, eu gosto demais, mas eu sei dividir.” (Informante 1)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Na fala da Informante 1, percebemos a consideração efetiva que ela tem pelo Rio Grande do Sul. Fica evidente a paixão que sente por lá, a ponto de considerar-se “bairrista”, aquela que defende os interesses e os entusiasmos de sua terra. A partir desse ponto de vista, entendemos que ela apresenta uma atitude positiva com relação ao seu local de origem, o que nos levar a pontuar mais um fato que corrobora para que ela divirja do falar teresinense, com respeito à abertura das vogais médias pretônicas, que se realizam como /ε/ e /ɔ/, como nos exemplos: *univ[ε]rsidade* e *c[ɔ]lar*.

A assimilação é um fator interessante no processo acomodativo, uma vez que o próprio falante pode não se dar conta de que diverge de sua fala de origem e converge ao novo falar de contato ou o contrário, por intermédio das estratégias apresentadas por Giles e Ogay (2007), a convergência e a divergência linguísticas.

A Informante 1 dá a seguinte resposta ao questionamento sobre a assimilação entre os falares gaúcho e teresinense:

Quadro 5 – Percepção da assimilação

“[...] eu queria e sempre quis falar igual [ao falar teresinense] porque quando alguém me perguntasse, eu abria a boca e dizia: não eu sou daqui, mas não adianta, eu não perco o sotaque [...]” (Informante 1)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

A referida Informante mostra-se racional, ao reconhecer a assimilação entre os diferentes falares. Segundo a sua percepção, ela tenta convergir ao falar teresinense, mas não consegue perder o sotaque de origem. Nesse sentido, entendemos que as estratégias linguísticas vão além do desejo do falante de se adaptar ou não. Há forças maiores que interatuam na ação, ligadas tanto aos aspectos da língua quanto aos aspectos fora dela, permeando a cadeia social e interpessoal do interagente.

A Informante 1 destaca:

Quadro 6 - Percepção da assimilação

“[...] a minha família acha que eu peguei o sotaque daqui, mas eu não peguei o sotaque daqui, eu falo as coisas que as pessoas falam aqui, mas não é o sotaque daqui, é o dialeto né, não sei se aqui vocês chamam assim também, então, assim, eu aprendi a falar o que o povo fala aqui, mas o sotaque é de lá, então eu acho que a convivência faz isso.” (Informante 1)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Então, a própria fala da Informante 1 explica o fato que queremos colocar com essas ponderações, nesta questão. Ocorre que, quanto à prosódia, isto é, as características pertinentes à emissão dos sons da fala como o acento e a entoação, o que ela chama de sotaque, são preservadas e são divergentes das características prosódicas de Teresina, o que de certa forma tende a influenciar a realização das vogais médias /e/ e /o/ em pauta pretônica, como fechadas ou elevadas, mas dificilmente abertas, como ocorre no dialeto teresinense.

Ainda sobre a colocação da Informante 1, acima, é interessante destacar, sobremaneira, com relação à acomodação da fala, a informação que ela enfatiza, ao considerar a convivência um fator que contribui para a assimilação entre dialetos. De fato, a convivência entre os falantes cumpre um papel primordial nas escolhas das estratégias linguísticas para a acomodação. A partir da convivência no novo ambiente de contato dialetal, é que o falante materializa as suas atitudes linguísticas. Se ele quer se inserir na comunidade, interagir melhor com o novo grupo, aproximando-se, terá uma atitude linguística positiva, que contribuirá, conseqüentemente, para a concretização da estratégia de convergência. No entanto, é necessário observar os aspectos

socioculturais e econômicos do grupo alvo, porque também são fatores essenciais para a formação do comportamento linguístico.

INFORMANTE 2

O Informante 2 é natural de Porto Alegre (RS), reside em Teresina com a sua família há pelo menos 4 anos, motivado pela aprovação de sua esposa em um concurso público federal. Ele costuma visitar a sua família de origem, anualmente, e no novo grupo social tem contato diuturno com os teresinenses, principalmente no trabalho, em que lida com muita gente, diariamente. Analisando a fala do Informante 2, com relação às vogais médias pretônicas /e/ e /o/, observamos que ele não acomodou à fala dos teresinenses, por inúmeros fatores, sobretudo os sociais. O tempo de exposição ainda é muito curto, visto que pesquisas sobre acomodação revelam que para um falante acomodar-se ao outro falar, são necessários no mínimo 10 (dez) anos de convívio, além de sua atitude com respeito ao novo grupo de contato dialetal.

Quadro 7 – Percepção das diferenças dialetais

“Em relação às pessoas do Piauí, né, têm um sotaquezinho, aqui, pelo menos que eu vejo, aquele aspirado de ‘porta’ [...] ‘Se tivesse como’, ‘se tivesse um meio ou uma forma de eu estar lá’, isso é uma coisa que em Porto Alegre, Gaúcho usa, ‘ah! não tem como’, ‘me alcança o papel’, ‘ah! tô ocupado, não tem como’.”
(Informante 2)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

A fala do Informante 2 indica que ele tem consciência das diferenças dialetais entre o falar gaúcho e o teresinense, ao afirmar que os piauienses têm um “sotaquezinho”, de forma a demarcar as diferenças. Embora ele tenha usado o termo no diminutivo, percebemos que a sua intenção não foi a de menosprezar o sotaque do Piauí, mas de atenuar o sentido de que tanto ele quanto o piauiense têm jeitos peculiares de falar. Na oportunidade, cita como exemplos, a pronúncia aspirada do -r e o uso da expressão “me alcança o papel”, os quais são muito utilizados pelos gaúchos.

Quadro 8 – Percepção das diferenças dialetais

“[...] gaúcho é um pouco mais fechado e ele não se manifesta assim [...] manifestação cultural, partindo do princípio da cultura, bom eu vou te dizer que aqui em Teresina vejo menos manifestação cultural do que lá [...]” (Informante 2)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Ao ser questionado sobre as diferenças existentes entre o gaúcho e o teresinense, o Informante 2 relata que, em termos de manifestação cultural, o gaúcho é mais empreendido. Observamos, sobremaneira, que essa visão cultural que o gaúcho tem sobre o novo grupo, bem

como a característica que ele atribui ao seu povo de origem, como sendo “fechados”, podem estar influenciando na não acomodação das vogais médias pretônicas em posição pretônica falada por teresinenses, ao se depararem com a nova situação de contato dialetal.

Quadro 9 – Avaliação da forma de falar do teresinense

“[...] eu acho que eu não tenho problema nenhum da forma como você fala, o problema é que gera preconceito, né, da pessoa [...] às vezes você não gosta da pessoa e ela se utiliza do sotaque pra não gostar de ti ou dizer que você não gosta da forma como ela fala, gera conflito por causa das pessoas, não por causa da forma de falar.” (Informante 2)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Nesse trecho, o Informante 2 demonstra uma atitude linguística positiva do falar teresinense, destacando a sua repulsa ao preconceito social que as pessoas geram sobre as diferenças no tocante à língua. Destaca, ainda, que a forma de falar daqui não o incomoda, pelo contrário, reconhece que as diferenças merecem uma atenção especial e devem ser respeitadas, tanto do ponto de vista do nativo, quanto do imigrante.

Sobre o questionamento, ele se sente incomodado com o fato de as pessoas utilizarem as diferenças na fala para criarem preconceito e promoverem exclusão social. Para ele, a forma como os teresinenses falam é original. Assim, podemos entender que o Informante 2 avalia positivamente o falar teresinense e apresenta-se como um indivíduo adepto ao relativismo cultural.

Já que ele tem uma avaliação positiva sobre o falar teresinense, poderíamos nos questionar: por que ele não acomodou? Bom, no tópico seguinte, podemos ver que a sua identidade de origem é muito valorizada e, por questões socioculturais, o seu jeito de falar é conservado, sobretudo, no que diz respeito à entoação e à tonicidade.

Quadro 10 - Avaliação da forma de falar do gaúcho

“É diferente do resto do Brasil [...]” (Informante 2)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

A resposta do Informante 2, a respeito do falar do gaúcho, foi bem simplista, para ele, é diferente dos demais falares existentes no Brasil. No entanto, observamos o grande apreço pela sua terra e pela forma como lá se fala, demonstrando, de tal modo, uma atitude positiva relativa à sua fala de origem, fato que contribuiu para conservá-la, mesmo estando em contato com outro grupo de falantes.

Quadro 11 – Percepção da assimilação

“Sim, sim, principalmente expressão do Sul, porque você vai cuidando, né, porque impressiona as pessoas ou cria distâncias, né, então tu vai evitando, o Tchê, por exemplo, ‘para de fazer isso aí tchê!’. Tchê com um sentido de você, de companheiro, camarada, amigo. ‘Tchê, tudo bem, tchê? Amigo, tá bem amigo?’, daí principalmente ‘você’, porque em Porto Alegre eles usam muito mais tu, mas daí também não dá pra ser regra porque o cearense aqui eles tudo falam tu.” (Informante 2)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

No excerto, é evidente que o Informante 2 percebe que está assimilando algumas expressões do falar teresinense e deixando outras de lado, pelo fato de melhorar o entendimento entre eles e os falantes do novo grupo de contato e como uma forma de promover uma maior aproximação social. Por exemplo, relata que a expressão “tchê” ele não utiliza mais e passou a utilizar mais o “você” no lugar do “tu”, porque percebeu a diferença entre os usos dialetais.

De fato, a mesma situação acontece com os outros informantes. A assimilação de formas acontece mais no nível lexical, uma marcação da variação diatópica, do que no nível fonético-fonológico, uma vez que as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ são pronunciadas fechadas ou alteadas, pelo Informante 2, o que dá provas da conservação de sua fala de origem com relação ao referido fenômeno, isto é, utiliza a estratégia de divergência do estilo da pessoa do agente participativo da interação, independentemente do comportamento de comunicação do interlocutor (Giles; Ogay, 2007).

INFORMANTE 3

O Informante 3 é natural de Caxias do Sul (RS) e vive em Teresina há 8 (oito) anos. Como toda a sua família mora ainda no sul do país, ele a visita semestralmente. Ele trabalha como sorveteiro em um centro comercial, tem muito contato com os teresinenses, no trabalho, na vizinhança. Contudo, apesar do histórico de contato com falantes do novo grupo, considerando, também, que já foi casado com uma teresinense com quem teve uma filha, conviveu com a família dela e amigos, o referido Informante não apresentou acomodação do falar teresinense, no que respeita à pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica.

Quadro 12 – Percepção das diferenças dialetais

“Sim, o sotaque é diferente, poderia citar palavras que são, lá são usadas de uma forma e aqui de outra, por exemplo, aqui quando o piauiense, o nordestino diz Eita! Né, pra nois é o Bah! A mesma coisa, que o Bah! É o Eita! Eita! Bah! [...] tem o tom de exclamação [...]” (Informante 3)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

O Informante 3 reconhece, também, que existem diferenças dialetais entre os falares, citando exemplos de itens lexicais desconhecidos no falar teresinense e comuns no gaúcho. Ele já vive em Teresina há 8 (oito) anos, contudo, sentimos que do ponto de vista lexical houve

muita assimilação, mas com relação ao nível fonético-fonológico, especialmente, a pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica não foi acomodada.

Quadro 13 – Avaliação da forma de falar do teresinense

“Normal, hoje pra mim é normal né, exceto nessas situações aí, de pessoas mais interioranas né, normal.”
(Informante 3)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

O Informante 3 admite que o falar teresinense é “normal”. A partir dessa adjetivação, percebemos que sua avaliação demonstra certa proximidade com dois lados da moeda amplamente questionados pela sociolinguística: a dicotomia “normal-anormal” que pode sugerir outra: “certo-errado”, sobretudo quando destaca que tal dialeto é normal “[...] exceto nessas situações aí, de pessoas mais interioranas [...]”. O que o falante gaúcho quer dizer? Que pessoas do interior falam de forma “anormal”? É preciso, pois, que consideremos, conforme assegura Calvet (2002), que o comportamento linguístico dos falantes é provocado por diferentes normas não só linguísticas, senão sociais. Assevera, ainda, que duas consequências decorrem em virtude do comportamento linguístico: primeiro, o modo como os falantes encaram a própria língua e, por último, as reações naturais dos falantes sobre o falar dos outros.

Diante disso, a fala do informante sugere uma avaliação negativa que se constitui por meio de estereótipos linguísticos. Talvez seja esse o motivo de sua estratégia de divergência linguística. Outras percepções são possíveis de serem evidenciadas em relação à esfera social, uma vez que o informante considera que o gaúcho, diferentemente do teresinense, é melhor aceito e visto em todo o território brasileiro.

Quadro 14 – Avaliação da forma de falar do gaúcho

“Sabe que quando eu tava lá, eu não notava, assim o sotaque tão carregado, hoje eu vejo na televisão, meu Deus! Principalmente o pessoal de Porto Alegre que é a capital, fala muito engraçado, é, meio cantado, meio, assim, é, esquisito, bem exposta, lei[te] quen[te], eles falam bem assim; Por exemplo, chimarrão, também, é chamado de mate, eu digo ma[fi], eles ma[te].” (Informante 3)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

O Informante 3 relata que, quando morava em Caxias do Sul (RS), não percebia as diferenças existentes entre o falar gaúcho e os outros jeitos de falar do Brasil. Nesse sentido, é interessante destacar que o primeiro passo para o processo de acomodação dialetal é quando o falante percebe que existem diferenças entre os diversos dialetos do país. A partir disso, de suas atitudes linguísticas e de outros fatos sociais, haverá uma possibilidade de acomodação futura.

Percebemos, então, que houve uma mudança de atitude do Informante 3 sobre o falar gaúcho, após vir para Teresina (PI) e detectar as diferenças dialetais. Percebemos essa questão, por intermédio de avaliação negativa, a partir de termos pejorativos como “engraçado” e “esquisito”. Entretanto, essa atitude negativa é direcionada mais aos falantes da capital, considerando que ele é caxiense.

Quadro 15 – Percepção da assimilação

“Sim, porque o gauchês ele diminuiu ao passo que a gente começa a conviver com as pessoas daqui, a gente começa a atribuir na nossa fala expressões culturais, tanto pro entendimento e pronta compreensão das pessoas que tão me ouvindo, que são daqui [...] tudo aquilo que a gente absorve no dia a dia, a gente passa também a usar no nosso vocabulário, às vezes até de forma involuntária, se você conviver com um gaúcho, vamos dizer vinte quatro horas do seu dia, uma hora ou outra, quer queira quer não, você vai usar alguma expressão.” (Informante 3)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Diante desta resposta, identificamos que o Informante 3 tem consciência de que existe acomodação dialetal e que ela, ainda, pode ocorrer de forma involuntária. Ele destaca que a convivência é responsável para a assimilação de fatos linguísticos, a depender de condicionamentos sociais que entremeiam as duas realidades expostas à situação de comunicação.

Com relação à pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ em pauta pretônica, vimos que o falante não acomodou, ou seja, ele diverge o seu modo de falar do teresinense, não porque gera preconceito ou demonstra atitude negativa sobre o novo grupo, mas por manter uma imagem social de prestígio diante de sua condição de novato e empreendedor na nova comunidade de contato.

INFORMANTE 4

A Informante 4 é natural de Porto Alegre (RS) e reside em Teresina há 5 (cinco) anos, com o seu esposo e um filho, que é chapecoense. Anualmente frequenta a sua terra natal para visitar a família ou fazer pesquisas. A referida Informante tem contato com teresinenses na escola do filho, no trabalho e na vizinhança.

Quadro 16 – Percepção das diferenças dialetais

“[...] é uma coisa que eu gosto de manter também, porque afinal de contas eu sou filha de algum lugar, mas eu acho que antes de mais nada eu sou brasileira, sempre, mas eu sou, eu acho muito triste quando você pega uma pessoa que, eu não gosto muito desse sectarismo, o que pra mim não é regionalismo, muitas vezes acaba se tornando sectarismo, você, não eu sou e sou entendeu, você se afasta, você se aparta do resto do país, não é nem assim.” (Informante 4)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Com esta fala, a Informante 4 revela, explicitamente, um reconhecimento sobre as diferenças dialetais, mas, gosta de manter marcas linguísticas do seu falar de origem, defendendo o posicionamento de que tem uma identidade e deve ser preservada, porque enquanto ser social, é filha de um lugar. Implicitamente, entendemos o seu distanciamento do falar teresinense no tocante às vogais médias pretônicas, por realizá-las fechadas ou alteadas. Neste sentido, Giles (1973, *apud* Lima, 2013), argumenta que o falante se distancia do seu interlocutor, mantendo as suas características de origem por valorização e preservação cultural, executando uma estratégia de divergência linguística.

Quadro 17 – Avaliação da forma de falar do teresinense

“Pra mim, o falar teresinense, é um falar leve [...] é um sotaque levemente anasalado, eu acho, eu percebo, eu acho assim que existe uma grande diferença entre o falar do teresinense e o falar dos outros nordestinos [...]” (Informante 4)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

A Informante 4 considera o falar teresinense “leve”, a partir dessa característica atribuída por ela, poderíamos construir vários sentidos. Porém, à medida que fomos prolongando a entrevista, percebemos que ela demonstra uma atitude positiva com relação ao falar de Teresina, em que se apresenta defensiva das questões sociais, sobretudo da forma como as pessoas falam, seja no Piauí, seja em qualquer lugar do Brasil.

É interessante observar a sua percepção sobre a questão do preconceito, conforme evidenciado em sua fala, ao destacar o preconceito social que sofre o nordestino no Brasil, em virtude de sua representação social, econômica e étnica. Nesta direção, parafraseamos Bonomi (2010), ao apontar que a identidade étnica só é entendida graças à existência de outras etnicidades coexistentes nas sociedades. Deste modo, entendemos que tais fatos sociais influenciam, expressivamente, a acomodação, quando são positivos. Mas, se a expressividade nordestina é negativa em nível nacional, dificilmente um falante se adaptará ao seu jeito de falar, principalmente ao considerar o seu perfil linguístico pertencente a uma localidade de grande expressão socioeconômica e cultural no país.

Quadro 18 – Avaliação da forma de falar do gaúcho

“Eu não gosto, eu sou porto-alegrense, parece um contrassenso, mesmo, eu não gosto, eu acho que eles tentam falar muita gíria pra ser malandro, descolado, às vezes eles usam, exageram e fica um sotaque bem chato, bem cantado, eu acho que o porto-alegrense fala cantando, baaah, sooooh, aaá tipo assim gente, aiiii vamo pra festa, baaa, tritribou nossa festa, só porque ele falou oba festa legal. Exageram um pouco na medida, eu não gosto, mas do interior muito, o sotaque do interior eu acho muito lindo.” (Informante 4)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Em princípio nos surpreendeu o seu posicionamento sobre o falar gaúcho, tendo em vista as respostas anteriores. Segundo a Informante 2, ela não gosta do modo de falar porto-alegrense, o que nos levaria a entender que demonstra uma atitude negativa sobre seu dialeto de origem, fato que poderia influenciar na estratégia de divergência do seu falar e na convergência do falar do novo grupo de contato.

Porém, compreendemos que tal atitude está direcionada, especificamente, à variação diastrática, pois, de um modo geral, a Informante 2, valoriza os aspectos sociolinguísticos e culturais idiossincráticos gaúchos. Ela considera, ainda, que o gaúcho, em determinadas situações, é mais bem aceito do que o nordestino. Vemos essa percepção valorativa como contribuinte para a divergência do falar do novo grupo, já que observamos a não acomodação da pronúncia das vogais médias em posição pretônica falada por teresinenses.

Quadro 19 – Percepção da assimilação

“Eu acho que eu sou uma construção de vários sotaques, porque como eu já tive em vários lugares, eu não falo, quando eu volto lá pro Rio Grande do Sul, como agora, eles se queixam do meu sotaque, eles dizem que eu não tenho sotaque mais de gaúcho, mas aqui todo mundo acha que eu tenho sotaque de gaúcho, mas na verdade eu não tenho nem daqui e nem de lá, eu tenho de tudo, que eu já vivi cinco anos em Santa Catarina, adotei muitas palavras, muitas frases, muitas expressões catarinenses, também continuei em São Paulo, Rio de Janeiro. Eu procuro ser o mais neutra pra falar porque eu acho que facilita a comunicação da pessoa.” (Informante 4)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

A Informante 4 percebe a possibilidade de assimilação de outros dialetos quando há contatos. Para tanto, admite que, por sua experiência em diversos grupos, como catarinense, paulista, carioca, além do seu de origem, ela incorpora uma identidade multidialetal diante dos vários dialetos os quais já fizeram parte do seu repertório verbal. Entretanto, como ela mesma reconhece, houve assimilação de palavras, frases e expressões, o que nos coloca diante da não acomodação de fenômenos fonético-fonológica, mediante a sua realização das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, em que a Informante 4 conserva a sua gênese dialetal no que respeita a este nível da língua.

É interessante ressaltar a percepção da Informante 4 com relação à assimilação de outra identidade cultural. Para ela, ao adquirir outro sotaque, um indivíduo não está perdendo o seu, mas sim acrescentando, o que vai contribuir para o processo interacional do uso da língua entre os interlocutores, de forma que é perceptível a interferência direta e constante dos fatos sociais e culturais sobre a língua, confirmando o que Hymes (1976) adverte, no sentido de que não podemos olhar apenas para as marcas linguísticas que as caracterizam, estudar os usos da língua vai além dessa questão, pois a língua sempre está em interação com o social.

Apesar de a Informante 4 demonstrar atitude positiva tanto sobre o seu falar de origem quanto sobre o teresinense, observamos que ela executa a estratégia de divergência do falar local, com relação à pronúncia da abertura das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica.

INFORMANTE 5

A Informante 5 é natural de Encantado (RS), contudo, mudou-se para Porto Alegre (RS) ainda recém-nascida. Ficamos muito curiosos pelos resultados da fala desta informante, pelo fato de ter 43 (quarenta e três) anos que reside em Teresina, ter casado com um teresinense, tido filhos nascidos aqui, ter trabalhado muitos anos em uma instituição pública federal, em que proporcionou contato diuturno com o novo grupo de contato. No entanto, nos surpreendeu que a realização das vogais médias em pauta pretônica não sofreu o processo de acomodação, isto é, a Informante 5 continua realizando-as fechadas ou alteadas, a depender de contextos linguísticos, de modo a evidenciar a conservação do traço dialetal de origem.

Quadro 20 – Percepção das diferenças dialetais

“Sim, acho que falam bem diferente. Eu hoje tá difícil pra eu distinguir por eu ter muitos anos aqui, mas quando eu vou pra lá, hoje eu faço a inversão, né, antigamente eu achava aqui diferente, por exemplo, ‘tu quer? Quero não’. É pra dizer não, lá a gente responderia ‘não, não quero’, aqui ‘quero não’, né [...]”
(Informante 5)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Na fala da Informante 5, percebemos que ela demonstra conhecimento diante das diferenças dialetais existentes entre o falar gaúcho e o teresinense. Para ela, é difícil caracterizá-la como pertencente a uma ou outra variedade da língua, no sentido de que, em Teresina (PI) as pessoas a reconhecem como imigrante e em Porto Alegre (RS), os seus familiares e amigos dizem que ela não é mais gaúcha.

De fato, a Informante 5 já perdeu muitos traços linguísticos característicos do falar gaúcho, pela quantidade de tempo residindo em Teresina, há 43 (quarenta e três) anos. No entanto, podemos apontar uma marca conservada do seu falar de origem, destacamos a pronúncia das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, à medida que são realizadas de forma fechada ou alteada, dependendo dos contextos linguísticos favoráveis a um e a outro fenômeno.

Quadro 21 - Avaliação da forma de falar do teresinense

“[...] eu me incomodo quando falam mal do teresinense ou do Piauí, quando eu vou pro Sul, o pessoal fica com aquela gozação, eu digo, opa! Ai o meu esposo dizia: ‘não diz que é bom pro povo não vir pra cá’ [...] tu sabe que eu acho que aqui o teresinense tem menos sotaque, que eu acho que o paraibano, o pernambucano, acho feio o jeito que eles falam.” **(Informante 5)**

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Diante da resposta da Informante 5, percebemos que ela apresenta uma atitude positiva com relação ao falar teresinense, contudo, não é um fator condicionante para a acomodação dialetal, neste e nos outros casos, pelo fato de os informantes divergirem da pronúncia aberta das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

Em contrapartida, visualizamos na resposta da Informante 5, que ela acarreta preconceito linguístico sobre alguns dialetos brasileiros. Primeiramente ela demonstra uma atitude positiva sobre o falar teresinense, mas de pronto, julga o falar paraibano como sendo feio, caracterizando, em certa medida, o preconceito social sobre os diferentes modos de falar que coexistem no Brasil.

É interessante destacar que o seu apego pelo dialeto teresinense, mesmo não acomodando as vogais médias pretônicas, é acarretado pela sua interação com os aspectos históricos, sociais e culturais do novo grupo de contato.

Quadro 22 – Avaliação da forma de falar do gaúcho

“Eu não gosto, não, num acho bunito não, não gosto das músicas, eu nunca participo de CTG, nunca gostei, nunca tive aquela roupa de prenda, né, nunca gostei, eu sempre me identifiquei com o Nordeste. Impressionante!” (Informante 5)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

A resposta da Informante 5 evidencia uma atitude negativa com relação ao jeito de falar do gaúcho. Ela defende que sempre se identificou com o Nordeste e que já aprendeu vários termos daqui que são desconhecidos pelos gaúchos, expressões que aqui tem um sentido e lá outro. Realmente, percebemos que ela assimilou expressão, escolha vocabular, contudo, a pronúncia das vogais médias pretônicas é conservada, realizando fechada e alteada em quase todos os contextos analisados na fala.

Quadro 23 – Percepção da assimilação

“Com certeza eu mudei muita coisa, com certeza, tanto é que as pessoas me dizem [...] também, e até assim nas palavras, tento falar mais divagar, que eu falava muito rápido.” (Informante 5)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Com base na resposta da Informante 5, percebemos que ela reconhece que já assimilou muitas palavras e até mesmo a maneira como fala, destacando que o gaúcho tende a falar rápido, enquanto que o teresinense fala mais devagar.

Acreditávamos que um falante com tanto tempo de residência em Teresina, como é o caso da Informante 5, se não tivesse acomodado o falar teresinense, com respeito às vogais médias pretônicas /e/ e /o/, que pelo menos estivesse em processo assimilatório de convergência

linguística, por intermédio da realização percentual de aproximadamente 25% dos dados, os quais comportam as referidas vogais antes da sílaba tônica. Além do mais, ela demonstrou uma atitude positiva com relação à variedade do novo grupo, em correlação com uma atitude negativa sobre o seu dialeto de origem, fato que poderia contribuir para que, possivelmente, acomodasse ao falar teresinense.

INFORMANTE 6

O Informante 6 é natural de Porto Alegre (RS) e reside em Teresina há 19 (dezenove) anos. Aqui constituiu família, uma carreira profissional próspera. Tem muito contato com teresinenses, também, em sua empresa, no lar, na faculdade. Este Informante é um dos que mais visita ao Rio Grande do Sul, dos entrevistados, segundo ele, a frequência é de 2 vezes ao ano, permanecendo em média 15 (quinze) dias em sua terra natal.

Quadro 24 – Percepção das diferenças dialetais

“Sim, sim, quer ver uma? ‘Tu acredita?’ Claro que eu vou acreditar! [...] não, eu não digo que substituiria, é, nós também temos uns palavriado que não cabem aqui, entendeu? Que é totalmente diferente, entendeu, o bah, o tchê [...] Quer ver uma expressão de vocês aqui que pra nós a gente não saberia? Eu sei entender, ‘minino do buxão’, ‘esse minino é do buxão, nossa!’.” (Informante 6)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

É evidente que o Informante 6 reconhece as diferenças entre os falares e acredita que a convivência em um novo grupo contribui para a assimilação de determinados fenômenos linguísticos. No trecho, o Informante 6 relaciona alguns exemplos de língua que demarcam diferenças entre o falar gaúcho e o teresinense, contudo, tais fatos linguísticos não têm relação com aspectos fonético-fonológicos, mas, sobretudo com lexicais, confirmando as palavras de Pesqueira (2004, *apud* Lima, 2013), que asseveram que os falantes diante de um novo grupo de contato dialetal tendem a assimilar mais rapidamente os itens lexicais, em detrimento de itens fonéticos. Esta explicação se aplica a todos os informantes participantes desta pesquisa.

Quadro 25 – Avaliação da forma de falar do teresinense

“Eu acho normal, me sinto bem, me sinto um piúcho, quando você se sente, quando você respeita a cultura local, você tem grandes chances de saber conviver com isso, e isso é bom [...]” (Informante 6)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

O Informante 6 demonstra uma atitude positiva com relação ao falar teresinense, considerando-se um piúcho. Ele entende que o modo diferente de falar é normal. Compreendemos, pois, que ele valoriza tanto a sua cultura de origem, quanto a do novo grupo de contato, levando em conta que já vive em Teresina há 19 (dezenove) anos.

Destacamos, ainda, que o Informante 6 expõe que cada lugar tem o seu jeito de falar específico, que não existe “erro”, demonstrando, assim, não ter preconceito com os diferentes usos linguísticos existentes nos dialetos brasileiros. Entretanto, crê que todo nordestino sofre preconceito no país, o que nos leva a acreditar que essa percepção é um fato que tem privilegiado a divergência do falar teresinense com relação às vogais médias /e/ e /o/ em pauta pretônica.

Quadro 26 – Avaliação da forma de falar do gaúcho

“Normal, se tu for lá pro Rio Grande do Sul, é natural as pessoas falarem na forma que é de lá e as pessoas pegarem alguma coisa, chamam o gaúcho, paraguaio.” (Informante 6)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

O Informante 6, assim como o Informante 3, utiliza a adjetivação “normal”. Provavelmente, ambos compactuam da mesma avaliação linguística. Percebemos que ele apresenta uma atitude positiva sobre o seu dialeto de origem, fato que contribui para a manutenção das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

Durante a entrevista, percebemos que o Informante 6 não tem gana de regressar para Porto Alegre (RS), mas tem um sentimento de pertencimento que colabora para a conservação, especialmente, de fenômenos linguísticos pertencentes ao nível fonético-fonológico.

Quadro 27 – Percepção da assimilação

“Eu já tô tão acostumado [...] Nada, não, nunca, nunca, nunca, até porque o seguinte, eu sou de fora, eu que tenho que me acostumar, é eu que tô vindo pra cá, então se eu estou vindo pra cá, eu tenho que me acostumar com as coisas daqui.” (Informante 6)

Fonte: dados oriundos da entrevista realizada no campo.

Para Calvet (2002), as pessoas tendem a valorizar a sua identidade de fala, de um lado e a modificá-la, de outro. Para tanto, tudo isso dependerá de suas atitudes linguísticas em relação aos falares em contato e de suas finalidades como sujeito atuante em um meio social.

Percebemos, todavia, que a maioria dos falantes evidenciam atitudes positivas tanto sobre o seu falar de origem quanto sobre o falar do novo grupo de contato dialetal, o fato é que isso não tem contribuído para que eles acomodassem ao falar teresinense, no tocante à abertura das vogais médias pretônicas. Pensamos, então, que a acomodação dependerá principalmente da subjetividade do falante diante de fatos sociais.

Considerações finais

Mesmo que os falantes gaúchos construam uma atitude positiva sobre o dialeto do novo grupo de situação de contato, eles adotam a estratégia de divergência linguística. Todavia, este

resultado não quer dizer que os informantes queiram se afastar ou se excluir do novo grupo, pelo contrário, eles preservam a sua forma de falar com o intuito de serem bem aceitos na comunidade teresinense, já que acreditam que o gaúcho, por pertencer a uma esfera de prestígio social, cultural e econômico no país, possuem uma maior recepção e aceitação no território brasileiro.

Depreendemos, ainda, que os aspectos sociais sobre a língua têm contribuído bastante para a escolha de estratégia linguística dos informantes, a depender, sobretudo, do sentimento de pertencimento e valorização de sua origem, diante do contexto nordestino. Neste sentido, um fato relevante seria a questão da imagem da região em nível nacional, visto que, segundo os informantes, os teresinenses por serem nordestinos, sofrem preconceito e discriminação social no Brasil e o gaúcho não. Nessa medida, acreditamos que esta questão explica a estratégia de divergência linguística, exposta pelos falantes gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses, que puderam ser constatadas por intermédio dos eventos de fala, os quais foram capazes de evidenciar a interação comunicativa entre os interagentes de diferentes dialetos. Quer dizer, por intermédio da observação do contato dialetal com o teresinense, constatamos (considerando os dados das atitudes linguísticas) que o gaúcho, mesmo avaliando positivamente o falar do novo grupo, mantém a sua imagem de sulista, a fim de ser melhor aceito, conferindo ao interlocutor o seu pertencimento a uma cultura prestigiosa.

Referências

- AMORIM, Thiago de Sousa; COSTA, Costa de Sena Sirqueira Mendes da. As vogais médias pretônicas na fala de gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses. *EntreLetras*, Araguaína, v. 10, n. 1, jan./jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2179-3948.2019v10n1p267>. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/6695>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- BISOL, Leda. Vogais pretônicas. In: BISOL, Leda; BATTISTI, Elisa. *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 19-33.
- BONOMI, Milin. Entre divergencia y acomodación: el caso de los inmigrantes hispanos en Barcelona y Milán. *Lengua y Migración*, v. 2, n. 2, p. 49-66, 2010. Disponível em: <https://ebuah.uah.es/dspace/handle/10017/15521>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- GILES, Howard; OGAY, Tania. Communication Accommodation Theory. In: WHALEY, Bryan; SAMTER, Wendy (Eds.). *Explaining communication: contemporary theories and exemplars*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2007, p. 293-310.

HYMES, Dell. La sociolingüística y la etnografía del habla. *In*: ARDENER, Edwin. (ed.) *Antropología social y lenguaje*. Buenos Aires, Paidós, 1976, p. 115-152.

LEITE, Cândida Maria Brito. Atitudes linguísticas e teoria da acomodação: inter-relação entre Sociolingüística e Psicologia Social. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 1017-1028, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/1358>. Acesso em: 20 dez. 2024.

LIMA, Izete de Souza. *Acomodação dialetal: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*. 2013. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

OUSHIRO, Livia; SILVEIRA, Gustavo de Campos Pinheiro da; SOUZA, Emerson Santos de; FERRAZ, Leonardo; MASSUCI, Iris; RUIZHI, Zhu; BARBOSA, Sarah Poli; OLIVEIRA, Almir Almeida de; FIGUEREIDO, Joana Gomes dos Santos. Estudos sociolingüísticos sobre contato dialetal: contribuições do VARIEM e agenda de pesquisa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 65, p. e023021, 2023. DOI: 10.20396/cel.v65i00.8673331. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8673331>. Acesso em: 20 dez. 2024.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. *In*: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 161-182.

SILVA, Ailma do Nascimento. *As pretônicas no falar teresinense*. 2009. 235f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Recebido em 20 de junho de 2023
Aceito em 20 de dezembro de 2024